



XXII CONBRACE
IX CONICE | 2021
12/Set a 17/Dez
Evento online

EDUCAÇÃO FÍSICA E
CIÊNCIAS DO ESPORTE
NO TEMPO PRESENTE:
DEFENDER VIDAS.
AFIRMAR AS CIÊNCIAS

ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO REGIME ESPECIAL DE ATIVIDADES NÃO PRESENCIAIS (REANP) NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE BELO HORIZONTE – MG: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES BOLSISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sessão de Pôsteres

Autores:

- Fábio Henrique França Rezende
- Indiamara Bárbara da Silva
- Leonardo Diniz Magalhães
- Rafael Gomes de Macedo
- Rodrigo Bruno Cândido Silva
- Victor Antônio Moura Cambraia

E-mail de contato

indiamarabarbara13@gmail.com



INTRODUÇÃO

Segundo Coelho e Oliveira (2020), a pandemia da Covid-19 alterou profundamente a dinâmica da formação educacional dos alunos e as relações de trabalho dos profissionais da educação. No Brasil, conforme definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/1996), as redes estaduais e municipais de educação possuem considerável autonomia, mesmo que dependam da coordenação e colaboração da esfera federal. Tal característica explica a multiplicidade de arranjos institucionais e desenhos pedagógicos, ainda que as diretrizes curriculares nacionais sejam definidas pelo Ministério da Educação (MEC) (COELHO; OLIVEIRA, 2020).

No contexto da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais (SEEMG), o restabelecimento do calendário escolar, interrompido com a paralização das atividades presenciais, se deu por meio do Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP). Tal regime foi implementado pela SEEMG, por meio da resolução n.º 4.310/2020. O REANP regulamentou as normas para a oferta de atividades não presenciais durante o período da pandemia, para fins de cumprimento da carga horária mínima exigida. O REANP tornou-se o parâmetro central para reordenação das práticas pedagógicas, determinando os conteúdos a serem trabalhados, as formas de interação com os estudantes e os procedimentos de avaliação.

O presente trabalho objetiva relatar parte das experiências de ensino em meio ao REANP, vividas por bolsistas do Programa Residência Pedagógica (Licenciatura em Educação Física), e uma professora preceptora, no interior de uma escola localizada em Belo Horizonte, durante o ano de 2020.



DESENVOLVIMENTO

O REANP é um programa organizado a partir de três eixos que se constituem como tecnologias vinculadas: (i) o aplicativo Conexão Escola; (ii) o Plano de Estudos Tutorados (PET), que consiste em uma apostila com atividades elaboradas por profissionais que trabalham na SEEMG e são disponibilizados para os professores das escolas semanalmente abordando conteúdos que contemplam as habilidades e os objetos de conhecimento previstos para cada ano de escolaridade e para cada componente curricular; (iii) o Programa Se Liga na Educação, que é transmitido em um canal de televisão estatal. Nesse sentido, a SEEMG utilizou de diferentes estratégias para que o maior número possível de alunos fosse contemplado e pudessem ter acesso aos materiais didáticos (COELHO; OLIVEIRA, 2020). Com base nesses três eixos, cada escola poderia desenvolver suas próprias estratégias para atender ao REANP, proceder formas de comunicação entre professores e alunos.

Esse processo de definição das estratégias na escola onde estavam inseridos os bolsistas se pautou primeiramente por uma análise inicial da realidade de acesso à internet por parte dos alunos do ensino médio. Um levantamento foi realizado e a instituição concluiu que a maioria de seus alunos tinha suficientes condições de acesso à internet. Além disso, para adotar um regime completamente remoto, a escola também levou em consideração a economia de papel na impressão de apostilas e a agilidade na interação professor - aluno.

Dessa forma, a escola optou pela utilização do *Google Classroom*, o qual consiste em uma ferramenta com versão gratuita da empresa *Google* e que representa uma sala de aula virtual. Esta é uma plataforma digital cujos recursos permitem que professores e alunos se comuniquem de maneira simples, a partir de postagens, “salas de bate-papos” e compartilhamento de materiais. Com essas possibilidades, a escola decidiu que cada professor teria certa autonomia no trato didático dos PETs de suas disciplinas. Cada professor poderia enviar pela SEEMG, em formulários digitais (*Google forms*), e postar o material nas salas do *Google Classroom*. Os alunos do ensino médio teriam que responder às questões desses formulários e depois aguardar pelas correções dos professores da escola e outras avaliações complementares.

A partir desse contexto, é possível refletir sobre o acesso dos estudantes da rede pública de educação às tecnologias digitais de informação e comunicação. Mesmo com a escola planejando alternativas para os alunos com maior dificuldade de acesso à internet, ficou evidente que alguns tiveram os processos de ensino - aprendizagem consideravelmente prejudicados. Podemos perceber que o ensino remoto praticado no REANP precarizou ainda mais esses processos na rede pública, o que, a nosso ver, potencializará as já existentes disparidades educacionais entre classes sociais, entre escolas públicas e privadas e entre comunidades do meio rural e urbano.



No entanto, vale ressaltar que essa plataforma produziu, também, um vínculo mínimo dos estudantes com as escolas, com os professores, os colegas e a rotina de estudo. Como bem lembra Arruda (2020), querer afastar a escola e os professores dos sujeitos que a frequentam é atuar pelo enfraquecimento dessa instituição que é o pilar social da contemporaneidade. O distanciamento total das instituições de ensino poderia aumentar a desvalorização da educação escolar e criar um contexto ideal ao avanço nos cortes da educação promovidos pelas atuais políticas neoliberais. Decidir pelo não funcionamento das instituições de ensino poderia significar não só sua fragilização, mas também promover amplo crescimento de desigualdades diversas, uma vez que estar longe da escola, mas em contato constante com as suas ações pedagógicas é menos danoso do que não estar em qualquer contato com a escola ao longo de muitos meses de confinamento (ARRUDA, 2020)

O ensino não presencial exige que os profissionais da educação, principalmente os professores, se capacitem e se reinventem ao novo sistema. Desse modo, faz-se necessária a reflexão de Freire (1996) sobre o uso das tecnologias na educação. O pensador afirma que essa nova forma de educação deve ser dotada de criticismo para, assim, despertar a curiosidade crítica almejada no processo de ensino-aprendizagem.

No caso específico das ações de ensino na Educação Física (EF) dentro dos limites do REANP, pode-se notar que ele produziu um contexto de desvalorização, uma vez que a sociedade como um todo e os próprios profissionais da área ainda carregam a visão de que a educação física escolar consiste apenas em ministrar aulas práticas de exercícios físicos em quadras ou outros espaços ao ar livre. Esperava-se que o ensino remoto poderia representar uma significativa quebra de paradigma no que diz respeito ao papel da Educação Física nas escolas e à atuação dos professores. A experiência relatada no presente trabalho, no entanto, não possibilitou o acompanhamento desse novo desafio para a EF enquanto disciplina obrigatória escolar, pois o alinhamento entre a SEEMG e a escola permitiu que os professores de maneira geral tivessem a função de apenas reproduzir os conteúdos dos PETs nos formulários digitais, sem qualquer possibilidade de intervenção crítica: a professora preceptora exercia funções meramente mecânicas e burocráticas em função do engessamento das prescrições curriculares e do forte controle por parte da gestão escolar. Tal realidade prejudicou a formação dos estudantes participantes do RP, uma vez que foi restringida a intervenção pedagógica mais autoral por parte da professora preceptora. Os bolsistas do RP também ficaram privados de experiências fundamentais a formação de um professor, como produzir materiais didáticos, ministrar aulas síncronas, avaliar aulas ministradas, produzir unidades didáticas e interagir mais diretamente com os estudantes. Por outro lado, o grupo teve a oportunidade de conhecer uma plataforma digital de interação com os alunos, que se bem utilizada e com condições mais igualitárias de acesso à internet, pode potencializar o tratamento de conhecimentos conceituais relacionados às práticas corporais. Mesmo considerando os entraves do ensino remoto a promoção de uma educação de qualidade, a experiência com o *Classroom* mostrou a possibilidade de fortalecer uma formação tecnológica que pode ultrapassar a dimensão do mero consumo e que, mesmo residualmente, pode se tornar crítica e produtiva de conhecimentos (ARRUDA, 2020).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, constatamos que a estratégia utilizada pela escola de priorizar o uso do *Classroom* conseguiu atingir parte dos estudantes de forma precarizada.

Contudo, observamos que por vezes um caráter burocrático tomava conta das ações da professora preceptora.

Portanto, as dificuldades encontradas, para além do acesso a equipamentos e internet por parte de alunos e professores foi o caráter reprodutor dos conteúdos das apostilas, sem um espaço adequado para a autonomia do professor. Os alunos, por motivos específicos (desmotivação, dificuldades de entendimento dos conteúdos), passaram também a ser meros reprodutores de respostas prontas encontradas na internet, que eram encaminhadas aos professores. No caso da EF, em específico, observou-se que os conteúdos de caráter procedimental eram praticamente inexistentes e quando propostos, totalmente desconexos da realidade.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

COELHO, Jianne Ines Fialho; DE OLIVEIRA, Breyner Ricardo. O programa de educação remota em Minas Gerais: Uma análise dos efeitos da implementação do regime de estudos não presenciais. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.